

País está disposto a negociar a dívida em atraso, diz Dauster

por Flora Holzman
de Brasília

A única boa notícia que a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e os negociadores da dívida externa brasileira levarão aos bancos credores é que o País está disposto a negociar os débitos em atraso. Nessa linha, segundo o embaixador Jório Dauster, a viagem aos Estados Unidos também objetiva definir a composição do comitê de negociação com os bancos e fixar a data para início das conversações.

Apesar das pressões, não há nenhuma possibilidade de que a ministra faça algum anúncio "extraordinário" no que se refere à negociação com os bancos, afirmou Dauster. Segundo ele, a negociação da dívida externa pode ser encarada como um jogo de xadrez.

"Estamos jogando em cinco tabuleiros ao mesmo tempo, mas o que acontece no primeiro terá efeito nos demais", afirmou, ao insistir que não há outro desdobramento possível a não ser o roteiro já estabeleci-



Jório Dauster

do. Ou seja, o desembolso de uma quantia, simbólica ou não, depende do acerto com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Dauster afirmou que o Brasil é o principal prejudicado, e certamente o mais preocupado, com o acúmulo de pagamentos externos em atraso, principalmente junto aos bancos privados. Isso, entretanto, não faz parte de uma política de-

terminada pelo atual governo, mas é uma simples consequência do estado de deterioração da economia encontrado quando da posse do presidente Fernando Collor.

RESERVAS

Além disso, recorda Dauster, a situação das reservas cambiais em março era muito crítica. Os US\$ 5 bilhões que o País tinha em caixa não eram suficientes para saldar os compromissos mais urgentes nos dois meses seguintes. Até mesmo o pagamento de cerca de US\$ 900 milhões referentes às importações financiadas a curto prazo já estava atrasado. "A situação era tão grave que o País teve de recorrer a um gesto extremo, retendo as remessas de lucros e dividendos, para evitar uma deterioração ainda maior das reservas", disse.

Hoje, contudo, Dauster acredita que a equipe econômica já deixou clara a sua disposição de negociar e definir uma fórmula, que viabilize o pagamento dos juros em atraso, compatível com a capacidade de pagamento do País. "O acúmulo de débitos vencidos é a pior forma de refinanciamento que existe. Tanto assim que a decisão de mobilizar recursos para provisionamento — destinado ao pagamento dos atrasados — partiu do próprio governo brasileiro, antes do acirramento das pressões", reiterou.

Com esta frase, o embaixador descarta os argumentos do diretor-gerente

do Instituto de Finanças Internacionais (IIF), que representa os bancos privados, Horst Schulmann, que aventou a possibilidade de que o Brasil pretendesse acumular novo mega-superávit na balança comercial para direcionar os recursos obtidos a outros pagamentos que não o acerto da dívida em atraso.

O embaixador admite que o Brasil está encontrando dificuldade para atrair investimentos externos, seja na forma de capital de risco, seja em novos financiamentos, mas recorda que as dificuldades remontam ao início da década de 80.

"Há cerca de oito anos, ou seja, desde 1983, a balança de pagamentos apresenta graves desequilíbrios. Antes mesmo da primeira suspensão dos pagamentos externos, em 1987, o volume de remessas cambiais, a título de pagamentos externos para nossos credores, era muito superior aos ingressos, principalmente em decorrência do clima de insegurança e deterioração econômica", argumentou Dauster.

Em sua avaliação há ainda outro componente que afasta o capital externo. Desde o início da década, os credores e possíveis investidores vêm tentando reduzir seu "exposure" no Brasil porque não acreditam na capacidade de pagamentos externos do País. Por isso é tão importante negociar um acordo compatível com um programa de saneamento seguido de crescimento econômico.